

RESENHA DE “O SONHO DOS OUTROS: ETNOGRAFIA, POLÍTICA E DESEJO ENTRE OS YANOMAMI”

LIMULJA, Hanna. **O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos yanomami** – São Paulo: Ubu Editora, 2022.

Gabriela Azevedo Borges¹

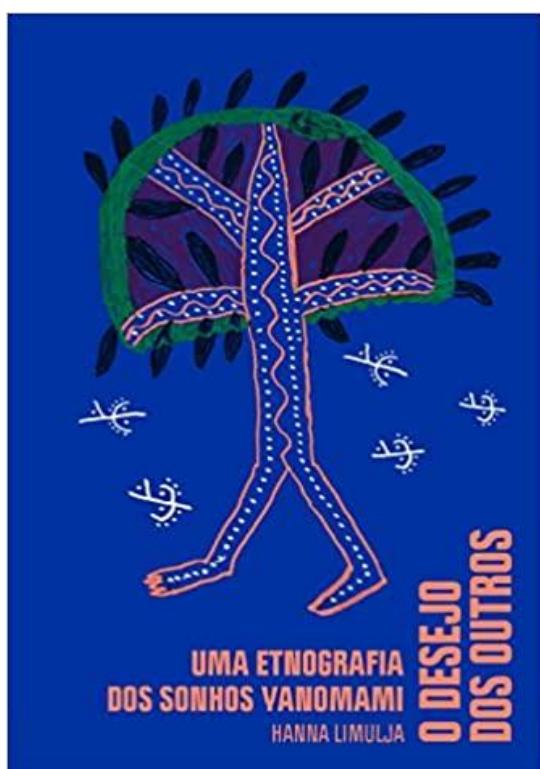
<https://lattes.cnpq.br/4061393251802851>
<https://orcid.org/0009-0001-8763-6911>

Leonardo Barros Soares²

<http://lattes.cnpq.br/5693981542523303>
<https://orcid.org/0000-0002-1049-1881>

O livro *O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos yanomami*, de Hanna Limulja, nos permite conhecer os Yanomami da comunidade Pya ú de forma onírica. A vontade de sonhar mais longe³ nos atravessa de tal modo que nossos sonhos, limitados pelo materialismo e individualismo, vão de encontro ao chamado de Davi Kopenawa, que é o de “compreender as palavras que vêm da floresta” (Limulja, 2022, p. 53).

Publicado pela editora Ubu em 2022, o trabalho de Limulja é fruto de uma pesquisa realizada para sua tese de doutorado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Durante o trabalho de campo, a autora recolheu mais de cem sonhos registrados em língua yanomae⁴ e justifica a escolha do tema por duas razões: “Primeiro, porque os Yanomami ainda estão vivos, a despeito de pandemias e guerras que os atingem de tempos em tempos. Segundo, porque é por meio de seus sonhos que eles fazem política, como diria o líder xamã Yanomami Davi Kopenawa” (Limulja, 2022, p. 19). A propósito, Hanna Limulja traça uma linha orientada pelo livro *A queda do céu* (2015) e, por isso, muitas referências são extraídas do livro de Kopenawa e Albert.



¹ Graduanda em ciências sociais na Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: gabriela.azvDMI@gmail.com.

² Doutor em ciência política pela Universidade Federal de Minas Gerais e professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa. E-mail: leonardo.b.soares@ufv.br.

³ Hanna Limulja diz que, por não sonharem longe, os napé pë [brancos] ignoram os pensamentos de outros povos e lugares e, portanto, não concebem outra forma de pensar capaz de ir além daquela que experimentam. (LIMULJA, 2022, p. 51).

⁴ Temos conhecimento de seis línguas que compõem a família linguística Yanomami no Brasil: 1) Yanomam, Yanomami, Yanomama ou Yanomami; 2) Yanomami; 3) Sanöma; 4) Ninam ; 5) Yaroamë; 6) Yänoma. A língua falada pelos Yanomami do Pya Ú é o Yanomae (1) (Limulja, 2022).

O primeiro contato da autora com a comunidade Pya ú se deu em 2008, quando foi contratada para trabalhar como assessora pedagógica no Projeto de Educação Intercultural desenvolvido pela Comissão Pró-Yanomami (CCPY). Nesse projeto, Limulja assessorava os professores Yanomami, promovia cursos e coletava informações referentes ao censo escolar, que, depois, eram enviadas à Secretaria Estadual de Educação do Estado de Roraima. Em 2011, Hanna começou a fazer o mesmo trabalho de assessoramento para algumas ONGs venezuelanas e, enquanto estava em campo, sonhava intensamente - daí surgiu o tema do trabalho.

Por ser uma etnografia, a autora narra, no percurso da tese, o processo de entrevistas, gravação e tradução dos sonhos, além da execução da escrita. A obra é, portanto, uma breve introdução aos Yanomami de Pya ú, bem como ao contexto geo-espacial em que eles se encontram. Assim, a pesquisa é delineada pelo próprio desenrolar do trabalho de campo; é através da relação entre a pesquisadora e os entrevistados que se torna possível a tradução das respectivas maneiras de ver e pensar o mundo. A autora retoma mitos importantes, antes e durante o detalhamento da análise dos sonhos relatados pelos Yanomami, possibilitando a categorização dos sonhos⁵, a partir de contextos específicos.

Assim, a partir dos mitos narrados – sobretudo, do “mito da noite”, que o texto nos dá a conhecer e que será nosso foco aqui –, é do nosso interesse explorar outras cosmologias políticas, ou melhor, cosmopolíticas⁶, para que possamos renunciar às controversas postulações práticas, institucionais e ideais do que associamos ao conceito clássico do que poderia ser considerado como “político”. O objetivo desta resenha, portanto, é contribuir com uma análise política acerca da centralidade que os sonhos ocupam na organização dos Yanomami da comunidade Pya ú.

Advertirmos, preliminarmente, ao leitor/leitora de que a apresentação do livro aqui empreendida não segue um percurso linear, para que possamos seguir a trilha do “vai e vem” dos próprios sonhos etnografados pela autora. Nesse sentido, nos atemos a alguns tópicos que consideramos essenciais, sem prejuízo de leituras distintas a serem realizadas por quem se interesse pela obra em tela.

É importante, à partida, adicionar uma breve contextualização dos mitos Yanomami para facilitar a compreensão do texto ao leitor. O cosmo Yanomami se inicia com a aparição de *Omama* (o demiurgo) e *Yoasi*, seu irmão. Foi *Omama* quem criou a terra e a floresta, quem deu origem aos Yanomami e fez *mari hi*, a árvore dos sonhos. Com imensas peças de metal, *Omama* fixou a terra nas profundezas e, também, fixou os pés do céu para que não desabasse sobre a terra. *Yoasi* criou as fragilidades do mundo e ensinou os Yanomami a morrer para sempre. Kopenawa diz que, às vezes, os brancos (*napë*) são chamados de *Yoasi t'hëri*, “Gente de *Yoasi*”, pelo fato de nossas máquinas e epidemias os matarem constantemente. Por isso, *Omama* criou os espíritos *xapiri*: para que pudessem proteger os Yanomami da morte e vingar as doenças que os assolam. O primeiro xamã era filho de *Omama*, e aquele concentrou todo seu pensamento nos *xapiri* para continuar protegendo seus filhos e sua gente depois da morte

⁵ Tal categorização pode ser encontrada no trabalho da autora no capítulo três, intitulado “os sonhos Yanomami”. Não abordaremos, no entanto, o conteúdo de cada tipo de sonho, por compreender que, assim fazendo, nos distanciariamós do objetivo principal da presente resenha. Dessa forma, preferimos listar somente as dimensões dos sonhos em: 1) sonhos premonitórios; 2) sonhos cotidianos; 3) sonhos dos caçadores; 4) sonhos com Tépérësiki; 5) sonhos com os ausentes; 6) sonhos com os mortos. Consultar Limulja (2022) para maior aprofundamento.

⁶ O termo cosmopolítica é, aqui, tomado emprestado dos colegas antropólogos, a quem pedimos licença. A contribuição de Isabelle Stengers (2018) quanto ao termo, nos possibilita pensar uma política deslocada de um determinismo positivista e normativo. Nossa pretensão ao trazer a cosmopolítica, portanto, é a de refletir sobre outros modos de fazer política e ciência.

de seu pai.

Assim, já no capítulo dois, “a origem da noite e o desabrochar das flores dos sonhos”, aprendemos que, para os Yanomami, é à noite que os sonhos aparecem; não se sonha durante o dia. A partir do já referido “mito da noite” podemos compreender essa dimensão: um yanomami chamado Yawarioma, em uma de suas caminhadas pela floresta, escutou a voz de Titiri, o mutum dono da noite. Yawarioma podia ouvi-lo, mas era incapaz de vê-lo, pois, ao redor, era absoluta escuridão. Quando voltou para casa, Yawarioma contou para sua mãe o que acabara de ver, e ela o aconselhou a colocar *warapa koko* (uma resina inflamável) num pedaço de pau e acendê-lo com fogo para flechar o mutum. *Yawarioma*, ao voltar para a floresta, encontrou *Titiri* e o flechou. Assim, a noite se espalhou e os Yanomami puderam sonhar.

Em razão de a noite ser o tempo dos sonhos é que, em rituais xamânicos, a droga psicoativa *yākoana* é inalada durante o dia. É através do *yākoana* que a imagem (*utüpe*) do xamã se separa do corpo e percorre um universo metafísico que dá a possibilidade de enxergar eventos míticos em um contínuo espaço-tempo. Embora seja por meio da *yākoana* e do sonho que a imagem age — do mesmo modo em ambas situações —, Limulja explica que, durante o dia, o corpo e a imagem permanecem unidos, e é por isso que não se inala *yākoana* à noite: a droga psicoativa poderia desencadear certo excesso. O pó *yākoana* inalado durante o dia afeta os sonhos, além de expandir o pensamento dos xamãs e fazê-los sábios.

A configuração importante que o sonho traz aos Yanomami para a dinâmica que existe entre as comunidades pode ser vista na festa intercomunitária *reahu*, descrita em detalhes no capítulo quatro, intitulado “réquiem para um sonho”. Limulja pontua que o *wayamu* é o momento específico da festa, em que um sonho pode ser contado, como forma de diálogo ceremonial. Os *pata thë pë* (anciões) e os xamãs são reconhecidos por sonharem com muita frequência e em grande quantidade, e estes, durante o evento, gostam de compartilhar seus sonhos num jogo de palavras e figuras de linguagem. Outras pessoas das comunidades também podem compartilhar suas experiências oníricas, pois a fala é muito valorizada para manter relações vitais de intercambialidade entre as comunidades.

Existem diferenças entre os sonhos dos xamãs e das outras pessoas da comunidade e entre os Yanomami e os brancos. Na primeira relação, os xamãs, diferentemente do resto de sua comunidade, podem sonhar mais e ir mais longe, além de possuírem íntimo diálogo com os *xapiri pë* — os próprios xamãs, em uma metamorfose onírica, transformam-se em *xapiri pë*. A segunda relação é delineada pelo fato de os brancos não saberem sonhar com esses espíritos; nós, os *napë*, estamos sempre com pressa e sonhamos com as coisas que temos ou que desejamos possuir.

A dimensão mítica dos sonhos ocupa um papel importante nas práticas, nos pensamentos e nos sentimentos dos Yanomami. Limulja demonstra, através dos sonhos registrados, que os mitos se entrelaçam com lembranças pessoais e fatos históricos. Davi Kopenawa, por exemplo, diz que ouviu muitas vezes as vozes dos *xapiri* lamentarem a devastação das florestas. É por meio das sessões xamânicas e dos sonhos que Kopenawa consegue viajar para o alto dos céus e ver toda a destruição causada pelos *napë*. Além disso, o xamã conta que, quando voltava da cidade muito preocupado, seu sogro preparava *yākoana* para obscurecer o espírito dos políticos que queriam dilacerar sua terra.

Como vimos anteriormente, sonhar com os *xapiri* e com os mitos do cosmo Yanomami é um chamado do interior à resistência. Os sonhos levam os Yanomami a articularem a vida

comunitária por meio dos rituais, dos sistemas de trocas e da intercambialidade entre as comunidades. É pela dimensão onírica que os Yanomami fazem política, pois, através dos rituais xamânicos durante o dia, a imagem dos mitos desce para os xamãs e estes tomam as vozes dos *xapiri* e a imagem de *Omama* como a lei e o governo dos Yanomami.

Por fim, pretendemos sensibilizar os *napë* ao expandir o tema dos sonhos como algo substancialmente importante para a resistência e a sobrevivência dos povos Yanomami. Os sonhos e todas as suas configurações extrapolam o sentido do que seria a política ocidental, porque a experiência onírica é uma alternativa prática de política na medida em que busca, no mito e na ancestralidade, as expectativas para a preservação da floresta e dos povos. Assim, sonhar e ouvir as palavras que vem da floresta, além de nos ensinar uma nova forma de pensar e fazer política, nos faz resgatar os ensinamentos dos Yanomami para impedir a queda do céu.

REFERÊNCIAS

- LIMULJA, Hanna. *O desejo dos outros: Uma etnografia dos sonhos yanomami/* Hanna Limulja; prefácio de Renato Sztutman. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami/* Davi Kopenawa e Bruce Albert; tradução Beatriz Perrone-Moisés; prefácio de Eduardo Viveiros de Castro - 1^a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- STENGERS, Isabelle. *A proposição cosmopolítica.* Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 69, abr. 2018.